



ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ESTUDANTE AUTISTA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: CLASSE COMUM E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Priscila Gervásio Teixeira

CapESEBA- UFU

priscila.teixeira@ufu.br

Tayná Piau Ferreira Freitas Zorzenon

CapESEBA- UFU

taynapiauf98@gmail.com

GT 1- Educação Especial, Inclusão e Surdez: Práticas Educativas e Formação de Professores.

Introdução

Este relato de experiência tem como objetivo compartilhar uma experiência vivenciada no Colégio de Aplicação da rede Federal de Uberlândia de práticas pedagógicas adaptadas e intervenções educativas desenvolvidas para um estudante com Transtorno do Espectro Autista (TEA) inserido em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental I, bem como contribuir para ampliação do conhecimento sobre as possibilidades de estratégias pedagógicas inclusivas no processo de alfabetização, como perspectiva de atuação conjunta entre classe comum e educação especial.

Esse trabalho é fruto da parceria entre a professora regente da turma e a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), no intuito de garantir o acesso, a permanência, a participação e a aprendizagem de forma significativa e inclusiva.



A proposta relatada fundamenta-se nas diretrizes legais que asseguram os direitos dos estudantes com deficiência. A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) reforça o compromisso de um ensino inclusivo, com os apoios, materiais e as adaptações necessárias, de modo a respeitar as singularidades de cada sujeito. O processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA exige um olhar atento, sensível e acolhedor por parte dos docentes, considerando aspectos emocionais, cognitivos e sociais no desenvolvimento de estratégias pedagógicas adaptadas.

Desenvolvimento

A perspectiva da educação inclusiva propõe a superação de modelos excludentes, garantindo o direito à educação de qualidade a todos os estudantes, independentemente de suas condições. Fernandes (2011) defendem que a inclusão se efetiva não apenas com a presença física do estudante em sala de aula, mas por meio de práticas que possibilitem sua participação e aprendizagem. E para Mendes (2006), a inclusão não acontece de forma isolada, mas requer um trabalho conjunto, articulado, entre os diversos profissionais que compõem o contexto escolar. Essa inclusão não se resume somente à matrícula do aluno com deficiência na escola comum, mas implica uma mudança estrutural, curricular e atitudinal nas práticas pedagógicas, exigindo cooperação entre os profissionais.

No caso de crianças com TEA, as abordagens estruturadas como o método TEACCH¹ (Treatment and Education of Autistic and Communication-Handicapped Children) são frequentemente recomendadas por proporcionarem rotinas visuais e previsíveis, favorecendo a autonomia, a compreensão das tarefas e a regulação emocional.

¹ O método TEACCH (Tratamento e Educação para Crianças com Autismo e com Dificuldades de Comunicação) é uma abordagem educacional estruturada voltada para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Tendo como principal foco promover a autonomia e a qualidade de vida das pessoas com autismo, respeitando suas características individuais.



A elaboração dessas estratégias de ensino se fundamentou em um trabalho colaborativo entre a classe comum e o AEE é fundamental para garantir a inclusão efetiva de estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA²). Para que isso funcione bem, é preciso planejamento conjunto, comunicação constante e estratégias pedagógicas específicas que respeitem as necessidades dos alunos e promovam sua participação.

Essa ação prática entre os profissionais que atuam com os estudantes com TEA está ancorada nos marcos legal, conceitos educacionais e teorias da inclusão, do desenvolvimento e da aprendizagem. Para Mendes (2010) que defende o trabalho colaborativo entre o professor da sala comum e o professor do AEE é fundamental para superar barreiras à aprendizagem e à participação dos estudantes com deficiência. Para tanto, o trabalho colaborativo entre os profissionais exige diálogo, respeito mútuo entre todos os envolvidos, reconhecendo os saberes específicos e complementares.

Nesse sentido, seguimos um trabalho contínuo, de planejamento onde definimos os objetivos, metas e formas de acompanhamento. Também mantemos uma conversa dialógica com trocas constantes dos saberes, ambos os professores fomos responsáveis por todo o processo de ensino do estudante.

A experiência relatada ocorreu em uma escola pública com três andares, o que exigiu adaptações não apenas curriculares, mas também ambientais. O estudante com TEA, matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental, nível 2 de suporte, tem sensibilidade ao barulho. Linguagem não verbal, apresenta restrição nas brincadeiras e déficit nas habilidades sociais de maneira funcional, sendo assim, necessita de mediação e reforço para desenvolver essa habilidade e ampliar gradativamente autonomia na socialização.

Neste ano aumentou o tempo de permanência nos ambientes: sala de aula, sala de ginástica e artes, brinquedoteca e laboratório de psicologia. A adaptação inicial

² TEA – sigla utilizada para se referir ao Transtorno do Espectro Autista.

contou com estratégias voltadas à familiarização com o novo espaço e construção de vínculos afetivos com a professora regente.

Elaboramos uma caixa sensorial individualizada organizada pela professora do AEE, contendo atividades significativas de coordenação motora, itens de interesse do estudante, que passou a ser utilizada sempre que apresentava sinais de agitação ou impaciência.

Outra estratégia fundamental foi à elaboração de uma rotina visual, com base no método TEACCH, utilizando imagens reais das atividades do dia. O estudante visualizava as tarefas a serem realizadas e, ao finalizá-las, retirava a imagem correspondente e a colocava em uma caixa, compreendendo a sequência (início, meio e fim) das atividades. Essa estrutura favoreceu a previsibilidade e reduziu os episódios de estresse e recusa de permanecer no espaço com os colegas e demais professores.

As atividades propostas foram lúdicas, intercalando momentos com materiais concretos, jogos e atividades em papel. Um destaque foi à produção de um livro sensorial, desenvolvido pela professora regente com apoio da profissional do AEE, considerando as especificidades da criança e buscando tornar os conteúdos acessíveis e significativos. Também foram adquiridos jogos pedagógicos específicos para trabalhar quantidade e numeral, formas geométricas, cores e letras.

No início do ano letivo, o estudante apresentava hiperfoco em giz e buscava constantemente as salas da Educação Infantil. O tempo em sala era reduzido, com idas e vindas constantes. Contudo, com o apoio da rotina estruturada e da mediação das professoras, foi possível promover avanços progressivos em sua adaptação.

Atualmente, o estudante realiza cerca de quatro atividades por dia – duas concretas e duas no papel – e demonstra interesse em participar de momentos coletivos ao lado das professoras, inclusive auxiliando no quadro. Ainda não há uma interação significativa com os colegas, mas já se percebe uma inserção gradual nos espaços coletivos, como quando participou de um jogo de futebol no momento de recreação, interagindo de forma espontânea com os colegas.



Nesse processo de aprendizagem é importante destacar que a avaliação da aprendizagem é compreendida sob a perspectiva mediadora, conforme proposta por Hoffmann (1998), que defende uma prática avaliativa voltada à escuta sensível, ao acompanhamento contínuo do estudante e à valorização de seus processos e avanços, e não apenas de resultados.

No cotidiano, essa avaliação ao estudante com TEA se dá por meio da observação sistemática e dos registros escritos feitos pela professora regente. As anotações documentam o desenvolvimento do estudante, os desafios enfrentados, os materiais, recursos mais eficazes e as conquistas alcançadas. Todo esse processo contribui para o planejamento das próximas intervenções.

Também realizamos a Avaliação Processual de Aprendizagem (APA) com o estudante pela professora classe comum, com o apoio da profissional do AEE, que acompanhou as demais crianças no momento de recreação. A atividade foi registrada com fotografias e posteriormente sistematizada em um relatório descritivo, priorizando o processo vivido e os avanços do estudante, respeitando o seu tempo, seu ritmo e suas formas próprias de expressão.

CONCLUSÕES

Essa experiência reafirma a importância da articulação entre os professores da classe comum com os professores do AEE para a construção de práticas pedagógicas inclusivas, que respeitem as singularidades e promovam aprendizagens reais. A adaptação de materiais, a criação de rotinas visuais, a escuta atenta e o afeto são aspectos fundamentais para que o estudante com autismo se sinta pertencente ao espaço escolar.

Mais do que cumprir determinações legais, educar de forma inclusiva exige sensibilidade, compromisso ético, coletividade e criatividade pedagógica. Cada avanço do estudante é uma conquista, fruto de um trabalho construído em parceria e respeito às diferenças.

A Pedagogia histórico-crítica e suas contribuições: na era da inteligência artificial, o que fazer com o conhecimento humano científico?



23 a 25 de Setembro de 2025
Catalão - GO



Referências

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 jul. 2015.

FERNANDES, Edgard. **Inclusão escolar e o papel da escola**. São Paulo: Cortez, 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: mito & desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SCHOPLER, Eric et al. **TEACCH: Treatment and Education of Autistic and Communication-Handicapped Children**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995.

MENDES, Enicéia G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. **Inclusão e acessibilidade**. Marília: ABPEE, 2006.

_____, Enicéia G. (org.). *A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil*. **Revista Brasileira de Educação**, v.11. Ed. 33, 2010, p.387-405

Realização:



Apoio:

